

A LITERATURA AFRICANA (NÃO) PRESENTE NOS LDS

Carla Maria Silva de Sousa

Maria do Socorro dos Santos

Cássia da Silva

Universidade Regional do Cariri – URCA/ karlasousa69@outlook.com

Universidade Regional do Cariri - URCA/ corrinhasanty@gmail.com

Universidade Regional do Cariri - URCA/ cassia_silv@hotmail.com

RESUMO

Quando se pensa em estudos literários no Brasil, já vem logo à mente as literaturas brasileiras e portuguesas, que basicamente terão seus estudos concentrados em História Literária. Sempre priorizando a essa e colocando em dano a vasta possibilidade encontrada quando se opta por trabalhar realmente o texto literário e ampliar os estudos à Literatura Africana, que é quase desconhecida. No Brasil ainda são raros os livros didáticos do ensino médio que ofereçam aos alunos conteúdos literários voltados ao universo africano. E, comprovando essa ausência, é que a Lei nº 10.639, aprovada em 2003, estabeleceu a obrigatoriedade do ensino sobre a História e a Cultura Africana e Afro-Brasileira. Assim, tendo em vista a importância da literatura na construção do saber e da identidade de um povo, pensou-se na elaboração de um trabalho que optasse pelas análises dos livros didáticos do ensino médio, recolhendo dados sobre a Literatura Africana presentes nesses livros. Nesse sentido, este artigo tem por finalidade analisar a presença/ausência dos conteúdos referentes à Literatura Africana nos livros didáticos de Língua Portuguesa do Ensino Médio, em uso vigente nas escolas públicas estaduais do distrito de Jamararu –CE. A fim de concretizar o objetivo descrito, opta-se aqui por uma pesquisa de caráter qualitativo- bibliográfico, assim todo o trabalho estar-se-á em consonância com as ideias dos autores: Abdala Junior (1989); D’Amorim, (1997); Amaral (2013). Baseando-se nos resultados desta pesquisa, pode-se afirmar que, apesar da lei 10.639/03 está em vigor desde 2003, ainda os livros didáticos não reservam espaço suficiente para conteúdos relacionados à Literatura Africana, dessa forma, faz-se necessário e emergente que o docente possibilite a formação crítica e reflexiva dos alunos, indo além do livro didático, trazendo, assim, à sala de aula materiais e conteúdo que valorizem a Literatura Africana em seu aspecto cultural e de diálogo com a formação da identidade do povo brasileiro, tendo o objetivo de tornar a sala de aula um ambiente de respeito às relações étnico-raciais.

Palavras-chave: Literatura Africana, Lei 10.639/03, Ensino de Literatura.

INTRODUÇÃO

A literatura africana de expressão portuguesa desenvolveu-se a partir da década de 1940 e vêm adquirindo maturidade ao longo desse período. Em seguida ao processo de descolonização, com a Revolução dos Cravos, em 1974, ela testemunha a maior abrangência territorial e cultural das literaturas de língua portuguesa, que atualmente não se reduzem mais a Brasil e Portugal, mas se estendem à África, ganhando muito em riqueza, vitalidade e projeção internacional. É certo afirmar também que o continente africano já passou por uma série de problemas, o que fez com que se tornasse uma terra, em partes, sofrida, devido, principalmente, às maldades provocadas pelos colonizadores às diversas culturas africanas durante os processos de colonização. Compreender esses problemas e dialogar com informações desse tipo devem ser tarefas concretizadas nas escolas de Ensino Médio, porém, infelizmente, em muitas, a literatura africana está sendo esquecida, mesmo sabendo de tão grande importância que essa literatura tem para a formação de leitores e escritores.

Nesse sentido, o presente artigo tem como principal foco refletir sobre o ensino da Literatura Africana nas escolas de Ensino Médio, visto que em muito esse conteúdo não é transmitido e quando, em poucos casos, é trabalhado, acaba sendo tratado como algo sem valor acadêmico. Sendo ainda, em muitos desses casos, um apêndice da disciplina de Língua Portuguesa.

A África possui uma rica e variada cultura de manifestação literária que foi desenvolvendo-se através dos tempos. A literatura Africana escrita esteve sempre em débito com a literatura oral. A amplitude e demonstração do conteúdo dessas manifestações literárias estão em falta nas escolas. Há a necessidade de se abordar a riqueza de conteúdos artísticos e estilísticos dos escritores, nos quais se incluem, por exemplo, os contos populares, frutos da imaginação popular cujos personagens mais famosos são a tartaruga, a lebre e a aranha, difundidos por todo o continente africano e também no Caribe, Estados Unidos e Brasil, como resultado do tráfico de escravos africanos. Tais personagens são seres de identificação direta entre literatura e leitor, porém a falta de abordagem desse conteúdo nas escolas brasileiras não proporciona essa identificação.

Dentre os grandes nomes da literatura africana, destaca-se Mia Couto, este reinventa a oralidade, por intermédio de uma língua literária fundamentada por uma excessiva criatividade lexical e construtiva que faz uma ponte entre a oralidade e a pura invenção, em que o encadeamento

comunicativo e estético possibilita a partilha da mensagem transmitida. As marcas da oralidade estão uniformemente presentes nas frases proverbiais, que demarcam uma atmosfera, um humor ou um saber sombrio na literatura desse escritor. Um de seus provérbios confirma: “eu sou os outros. Nessa visita de nossas identidades, encontramos nos outros o nosso próprio corpo. A escrita é esse olhar, cego, subterrâneo, telúrico, a procura do céu, no lugar mais improvável” (COUTO, 2006, p.16).

Não esquecendo também da Lei 10.639/03 que versa sobre o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana no Brasil, esta lei ressalta a importância da cultura negra na formação da sociedade brasileira, propondo novas diretrizes curriculares para o estudo da história e cultura afro-brasileira e africana. Assim garante uma ressignificação e valorização cultural das matrizes africanas que formam a diversidade cultural brasileira.

A literatura africana é uma das mais populares entre os meios literários, mas pouco mostrada nos materiais didáticos do ensino médio e também nas universidades, em alguns cursos de Letras e Comunicação são aplicadas como disciplinas diferenciadas, ou seja, optativas.

Tendo em vista que poucos são os livros didáticos abordam a literatura africana como conteúdo acadêmico, faz-se necessário compreender como tais conteúdos são tratados e ressaltar a relevância destes, problematizando a atualidade do assunto e sua interligação com área de ensino da literatura.

O tema deste trabalho foi escolhido após sentirmos a falta desse conteúdo nas aulas do curso de nível superior em Letras da Universidade Regional do Cariri – URCA e, anteriormente, como alunas de nível médio de escola pública do estado do Ceará nos atentamos para a mesma necessidade e falta. É questionável a não valorização e o preconceito que foram atribuídos a literatura africana, mas, serão, então, esses fatores os responsáveis pela carência desse conteúdo no meio escolar? Ou a falta de materiais didáticos que abordem tal conteúdo? Ou a não preparação dos profissionais da educação nesse âmbito de estudo? Tais perguntas serão retomadas em nosso artigo e serão debatidas em consonância com as ideias dos autores: Abdala Junior (1989); D’Amorim, (1997); Amaral (2013).

1 A LITERATURA AFRICANA

A literatura é considerada um bem cultural cujo acesso contribui para o desenvolvimento da educação estética, da sensibilidade, da concentração, dos aspectos cognitivos e linguísticos, do exercício da imaginação, além, de favorecer o acesso aos diferentes saberes sobre a cultura de povos e lugares desconhecidos, seja do universo fictício ou real. As literaturas estudadas contemporaneamente em nosso país são especificadas em três lugares, Brasil, Portugal e África, mas infelizmente uma das mais ricas das literaturas é esquecida nos livros didáticos.

Comumente, é no Ensino Médio que o estudante passa a ter contato pela primeira vez com o estudo delineado da literatura, que tem sido transmitido através da apresentação de uma série de textos ou fragmentos nos livros didáticos e também de autores que são classificados como pertencentes a um determinado período literário, mas, na maioria das vezes, esse estudo cumpre uma mesma abordagem: a didatização da História da Literatura de Portugal e a Brasileira, esquecendo-se do texto literário, propriamente dito, e de umas das mais ricas literaturas que é a Africana.

Sabemos que é por meio dos livros didáticos que serão repassados os devidos conteúdos, e ensinar a História da África e a cultura do povo africano, que se mesclou com a própria cultura brasileira, torna-se uma das formas mais eficazes de romper com o preconceito existente tanto no ambiente escolar como na sociedade em geral.

O continente africano é um verdadeiro berço para [a literatura](#), sendo ele atraente por todos os seus encantos, pelos segredos e mistérios que esconde. O uso de literatura africana e afrodescendente em situações que mostram o negro como um grande atuante da nossa sociedade, contribui, de fato, para que os alunos possam compreender novos conceitos sobre o “ser negro” no nosso país e também sobre a atuação do mesmo em todo o mundo. Abdala Júnior nos informa que

Quando aproximamos as literaturas em português, buscando as articulações entre ideologia, cultural e práxis artística dessa série cultural, não nos interessam, reiteramos, essas questionáveis “influências”. A ênfase, na dinâmica da produtividade textual, imbricando essas literaturas, dispensa essa preocupação do discurso colonialista ou neocolonialista (ABDALA JUNIOR, 1989, P. 25).

Assim, estudar a literatura africana é entender o negro dentro de sua cultura e em suas raízes. Não se pode falar da literatura africana sem se falar da "Negritude", esta que (inicialmente) através da literatura firmou a libertação do negro, e (posteriormente) passou a ser mais do que um movimento literário, um ato político, uma afirmação de independência, um clamor por reconhecimento.

O movimento de Negritude, criado com o objetivo de revalorizar o negro cultural, política e artisticamente, apesar de dominar a literatura durante décadas, foi acusado de veicular um essencialíssimo negro, como se o fato de ter a pele negra pudesse deflagrar uma identidade incomum; além disso, foi tachado de ser excessivamente intelectual e de ter um caráter burguês.

Foi na revista “L’Etudiant Noir” que a palavra “negritude” foi empregada por Césaire pela primeira vez, designando, primordialmente, a rejeição da assimilação cultural e de uma certa imagem do negro pacífico, incapaz de construir uma civilização. Já Sénghor defendia a ideia de que o termo era empregado visando o conceito em sua aceitação mais geral, englobando todos os movimentos culturais lançados por uma personalização negra ou por um grupo de negros em qualquer lugar do mundo; admitindo a negritude como fato, e assim cultura, bem como aceitação desse fato e sua projeção na história e na civilização negra.

Segundo Munanga (1985, p. 79 citado por ABDALA JUNIOR, 1989, p. 19):

A negritude, para o intelectual africano consiste, nada mais do que uma “formação mitológica negra” para se contrapor à “ formação mitológica branca”, uma perspectiva equivocada que desconsidera o fato de que “os negros não foram colonizados porque são negros, ao contrário, na tomada de suas terras e na expropriação de sua força de trabalho, com vista à expansão colonial, é que os negros se tornaram pretos.

Nesse sentido Munanga indaga que o movimento negritudiano está ligado aos interesses tradicionais da África sendo contraditório à modernização. Aliás, o movimento constitui o tema fundamental da literatura africana. A literatura africana de expressão portuguesa nasce de uma situação histórica originada no século XV, época em que os portugueses (cronistas, poetas, historiadores, escritores de viagens, homens de ciências e das grandes literaturas europeias) iniciaram a rota de África, continuando depois pela Ásia, Oceania e América.

A negritude deve se refletir nos estudos dos textos literários africanos também no Brasil, porém, mesmo depois de ter sido publicada Lei 10.639/03, que trata-se da obrigação do ensino da história e da cultura africana nas escolas, ainda muito tem-se discutido em relação a implementação dos conteúdos que são referentes à História e Cultura Afro-brasileira no contexto de todo o currículo escolar e pouco se tem dito a respeito da necessidade de uma metodologia específica para tal propósito, visto que muitos professores que obtiveram graduação antes da lei, alguns até mesmo depois, não tiveram formação adequada para ministrar aulas voltadas para abordagem de temas relacionados à história e à literatura africana (já que esta última integra tanto a cultura como a História afro-brasileira).

Tendo em vista a lei 10.639/03 e sua relação com a formação docente, é preciso que façamos uma breve análise das disciplinas hoje obrigatórias no curso de Letras¹. Principalmente aquelas de âmbito literário. Ao longo de quatro anos estas disciplinas se dividiram em Teoria da Literatura (obrigatória), Literatura Brasileira (obrigatória), Literatura Portuguesa (obrigatória) e Literatura Popular (optativa). Dessa forma, é improvável que o estudante não sinta a falta da disciplina de Literatura Africana no curso, já que compreender conceitos fundamentais desta disciplina será uma cobrança futura no exercício de sua profissão docente, uma cobrança legalmente respaldada.

É lastimável saber que a lei 10.639/03 só está em vigor no papel, está ainda não vigora em muitas escolas e universidades do país. Esse fator traz à tona a carência de se fazer uma aproximação concreta entre o ensino da literatura e o de cultura africana e afro-brasileira.

É baseado nesta desvalorização do estudo da história africana que o movimento negro aponta para a necessidade de diretrizes que orientem a formulação de projetos empenhados na valorização da história e cultura dos afro-brasileiros e africanos, assim como uma articulação de uma educação comprometida positivamente com as relações étnico-raciais, tendo nos seus currículos conteúdos que reconheçam e valorizem a história e a cultura dos afrodescendentes, a diversidade da nação brasileira, ao igual direito a educação de qualidade que permita ao negro reconhecer-se na cultura nacional, expressando suas próprias visões de mundo, manifestando com autonomia seus pensamentos e desejos.

Com a concretização do ensino da Literatura Africana nas escolas de Ensino Médio, seria possível transcender a história da luta dos negros, contada sempre na visão somente do branco, mostrar que o negro é capaz de escrever e contar sua própria história. Estudar a literatura Africana é deixar de ver, como personagens, apenas homens e mulheres de pele branca e de olhos azuis, e passar a ver os negros sendo protagonistas.

O ensino de Literatura Africana é, assim, uma das formas de se criar uma identidade cultural através da valorização das diversas manifestações culturais de origem africana. No qual Abdala Junior, vem nos mostrar que

Os escritores engajados estão comprometidos com a transformação e suas perspectivas críticas não lhes permitem descartar a experiência alheia, o que muitos do assim chamados “brasilianistas”, “africanistas” ou “lusitanistas” parecem não compreender. Motivam esses estudiosos, às vezes bem-intencionados, o tradicionalismo e o folclorismo, quando no horizonte do escritor literariamente engajado está a modernização (ABDALA JUNIOR, 1989, P. 19).

¹ Universidade Regional do Cariri -URCA, Campos Missão Velha-CE.

Supõe-se que através do ensino da literatura Africana nas escolas do ensino médio, teremos a valorização do negro brasileiro e de sua cultura, pois o aluno terá conhecimento de sua origem, de sua história, e com isso, poderá suavizar o preconceito racial contra a pessoa negra nas escolas e na sociedade em geral. Se quisermos ser respeitados é necessário que nos conheçamos e saibamos de como se deu a nossa origem. Conhecer a própria cultura ajuda-nos a conhecer e a respeitar as diferenças existentes e a valorizar o outro.

2 PROCURANDO POR ÁFRICA: OS LDs PARA ANÁLISE

O ensino de literatura está estreitamente ligado à leitura. Mas diante dos inúmeros percalços enfrentados pela educação, a formação do leitor se configura como um dos obstáculos mais difícil de transpor. Pois é notável a dificuldade que temos, nós professores, em proporcionar ao educando a motivação para ler. Sabe-se, entretanto, que a tarefa de incentivo à leitura inicia-se antes mesmo do aluno frequentar a escola, partindo do exemplo dos pais e da importância que esses dão a essa atividade no âmbito familiar. É na interação com os livros, na simples atividade de contar e ouvir histórias que a criança se envolve com o imaginário proporcionado pelo livro.

O livro didático, que faz parte do cotidiano escolar há cerca de dois séculos, ao longo do tempo vem passando por inúmeras transformações, desde a sua estrutura física à escolha dos conteúdos. Aqui, optamos por analisar os livros didáticos de Língua Portuguesa, da coletânea: 1º, 2º e 3º ano do Ensino Médio, de 2ª edição, dos autores Emília Amaral, Mauro Ferreira, Ricardo Leite e Severino Antônio.

Estes livros vêm sendo utilizados na E. E. F. M. Padre Amorim localizada no Distrito de Jamararu (distante 20km de sede Missão Velha – Ceará), esta escola, fundada no dia 12 de fevereiro de 1958 pelo Padre Manoel Lemos de Amorim (vigário da época), pertencida à paróquia de Nossa Senhora das Dores. A trajetória da unidade escolar revela a participação, a união, o compromisso, a ousadia e o envolvimento da comunidade na qual está inserida. Atualmente a escola funciona no turno diurno, ministrando aulas apenas para o ensino médio convencional, atendendo a clientela das regiões adjacentes ao distrito. Os 382 alunos matriculados estão na faixa etária, média, de 13 a 28 anos, apresentando um perfil socioeconômico bem diversificado, contudo a maior parte dos alunos

são considerados de classe E², em torno de 70% dependem de programas: Bolsa Família e Bolsa Escola.

Quanto aos livros adotados, Coletânea para os três anos do Ensino Médio, estes foram escolhas dos professores, escolha esta que foi feita pelo fato dos livros conterem divisões entre os diferentes conteúdos: Literatura, Gramática e Redação. Estes foram adotados para o triênio 2015 a 2017.

3 A (SEMI) PRESENÇA DA LITERATURA AFRICANA NOS LIVROS DIDÁTICOS

Durante a análise, o primeiro problema apontado no livro 1º ano, é a falta de textos informativos e de poemas relacionados a Literatura Africana, em detrimento de outros gêneros, como o teatro, a biografia, o diário e as memórias. Quanto aos poemas, o livro dá ênfase aos seus aspectos formais e, frequentemente, são usados para o ensino de gramática. Assim, a poesia está presente, mas é um mero pretexto para outros fins que não sejam explorar outras literaturas, enquanto isso, ainda surge um pequeno preconceito de se trabalhar a Literatura Africana.

Além disso, é recorrente o uso dos mesmos escritores e obras nas coleções didáticas pesquisadas; logo, os alunos podem entender que existem poucos escritores e obras destinadas a Literatura Africana.

No segundo livro do 2º ano analisamos termos, expressões e textos em que se poderia ser possível verificar a atualização do conteúdo destinado ao ensino da Literatura Africana nestes manuais, já que a coletânea em questão foi criada após a adoção das diretrizes relacionadas à questão étnico-racial definidas nas novas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana, surgidas em 2003. Porém, mesmo com a Lei em vigor, não há nenhum registro desse conteúdo nos livros didáticos do 1º e 2º ano do Ensino Médio.

No entanto, há uma breve explanação do conteúdo, que até mesmo pode chegar a passar despercebido pelos olhos dos alunos e dos professores no 3º livro sendo ele o do 3º ano. Na apresentação do capítulo 9, que explora as Tendências Contemporâneas da Literatura de Expressão Portuguesa, temos contido em uma única página (p.155), um texto que aborda as literaturas africanas de expressão portuguesa. Neste se menciona sobre as tendências de África, resumidas em cinco linhas, o que nos fornece uma impressão de uma comunidade pobre, sem estrutura.

² De acordo com a divisão de classes expostas no site: <https://thiagorodrigo.com.br/artigo/faixas-salarias-classe-social-abep-ibge/> E em consonância com a pesquisa do IBGE de 2015. (Consulta feita em 30/03/2017).

Demonstrando pobreza de conteúdo sobre a África, deparamos com uma imagem no fundo da página referente a uma fotografia de um dos livros Mia Couto “Terra Sonâmbula” (Anexo 01), que se refere à:

O cenário da obra em questão é a devastação de Moçambique por sucessivos conflitos armados. De 1965 a 1975, o confronto foi contra o domínio português e pela Independência do país. Após a conquista da liberdade de Portugal, em 1975, iniciam-se disputas internas pelo poder entre os partidos Renamo e Frelimo. Tais conflitos ocorreram de 1976 a 1992, fazendo milhares de vítimas e arrasando o país. Terra Sonâmbula retrata o último período dessa guerra civil, o livro foi publicado pela primeira no ano em que foi assinado o Acordo Geral de Paz entre os dois grupos, que hoje disputam pacificamente as eleições. (AMARAL, FERREIRA, LEITE, ANTÔNIO, 2013, P.156)

Parcialmente apenas um único autor é abordado nessa página, onde não há conteúdo suficiente a ser demonstrado aos alunos, caberá, mais uma vez, ao professor abordar a Literatura Africana em suas aulas através de outros recursos didáticos, já que esta não está contida (pelo menos de forma mais abrangente) no livro.

No entanto, esse significativo esforço do professor em fazer um mapeamento e uma busca de conteúdos e propostas didáticas sobre a Literatura Africana não deve ocorrer sem reflexão e sem respaldo bibliográfico-científico. É, ainda, fundamental um entendimento mais pontual sobre a legislação existente acerca do citado objeto. Pois é discutível que, se, as atividades marcadas pela excelência de seus executores (grandes educadores e também pesquisadores) e de seus conteúdos proliferam, outras, infelizmente, têm se demonstrado deficientes em suas intenções e encaminhamentos.

Nessa nova proposta educacional, com a implementação da Lei, será preciso rever o saber escolar e também investir na formação do educador, possibilitando-lhe uma formação teórica diferenciada da eurocêntrica. Segundo Rocha (1994), etnocentrismo é uma visão do mundo onde o nosso próprio grupo é tomado como centro de tudo e todos os outros são pensados e sentidos através dos nossos valores, nossos modelos, nossas definições do que é a existência. Dessa forma, o currículo escolar até hoje visto, deverá ser revisado, e a escola necessita mostrar aos alunos que existem outras culturas. Sendo assim a escola terá o dever de dialogar com tais culturas e reconhecer o pluralismo cultural brasileiro.

É necessário que o educador possa levar os escritores africanos para a sala de aula, estes devem ser retratados nos livros didáticos, precisamos da presença desses textos provenientes dos

países africanos, pois eles representam a literatura deste continente e a cultura deste e do nosso povo.

Não queremos, aqui, colocar em dúvida a importância do livro didático no trabalho pedagógico, entendemos o livro didático como uma ferramenta de apoio ao trabalho do professor em sala de aula, este material assegura a necessidade de uma seleção de conteúdos históricos significativos. Porém, diante de alunos que convivem em realidades divergentes, sócio culturalmente diferentes, com as quais deve-se dialogar e debater em sala de aula, a concepção de uma História da Literatura Brasileira sem relação com o presente, contendo a trajetória contada e pautada num passado único para todos, é algo que deve ser repensado. Em meio a mudanças, o livro didático deve incorporar essas novas perspectivas buscando uma ruptura com um passado de intolerância e preconceito.

Mudar uma sociedade não é fácil, é preciso trabalhar e nos basear em alguns cidadãos que tentaram fazer este papel num mundo totalmente preconceituoso. Ao sabermos que nossos jovens conhecem poucos escritores do continente africano ou não os conhece, deixa-nos numa situação vergonhosa, já que moramos em um país, onde a maior parte da população é negra; onde (por lei) se deve ministrar os ensinamentos de intelectuais de diferentes raças nos núcleos educacionais; onde o cidadão deveria ser disciplinado sobre essas questões de etnias e multiculturas desde a primeira entrada na escola até sua saída.

Segundo Rocha, “O grande desafio da escola é investir na superação da discriminação e dar a conhecer a riqueza representada pela diversidade étnico-cultural que compõe o patrimônio sociocultural brasileiro, valorizando a trajetória particular dos grupos que compõem sociedade” (ROCHA, 2006, p. 62).

Como qualquer outro país, este não é composto apenas de beleza, de economia em crescimento e de sociedades organizadas, ele compreende também problemas sociais, econômicos e políticos; possui uma diversidade de povos, dialetos, culturas, organizações sociais, econômicas e políticas, que não seria possível apresentar num todo em apenas um capítulo de artigo.

Ainda assim, em meio a essa diversidade e as mudanças ocorridas na nossa sociedade, o ensino de literatura ainda se encontra desarticulado do cotidiano do aluno. Embora a aprovação da lei 10.639/03 tenha acontecido há 11 anos, pautando a obrigatoriedade nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, ainda existem lacunas sobre a inserção definitiva do ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.

CONCLUSÃO

A tarefa de formar leitores é ainda muito difícil e desgastante; para promover o hábito da leitura, em especial de leitura da literatura africana, ainda escassa e esquecida, é necessário que a escola tenha e coloque uma diversidade de textos à disposição do aluno, que fale da importância da literatura, mostrando a cultura, os traços estéticos, verossímeis e artísticos das obras, enfim a literariedade tão peculiar do universo literário, pois assim poderá ampliar o repertório cultural, vocabular e artístico do alunado. E poderá ser lançado na escola, uma nova interpretação ou ressignificação à História Brasileira e sobretudo a História Africana, que até então tem sido desconhecida, ignorada, desvalorizada ou tratada a partir de uma única perspectiva, ou seja, a perspectiva dos colonizadores.

O livro didático, que é peça fundamental, precisa ser revisado, pois em muitos casos apresenta informações insuficientes, e como é um dos meios mais utilizados pelos estudantes para sua formação, é necessário estar adequado para que os discentes desenvolvam seu senso crítico a partir dele.

Com esse trabalho, percebemos que, quanto à inclusão das manifestações culturais e de história das populações negras nestes manuais didáticos, a Lei (10.639) não está sendo cumprida. Entretanto, outra questão se impõe: Como está sendo retratada essa História, a cultura e a Literatura da África? Se o livro didático não disponibiliza espaço para tal Literatura, como esta vem sendo repassada? Não se esgotaram as perguntas. Mas acreditamos que estas reflexões já foram suficientes para percebermos que as ausências não são apenas construídas ou mantidas por circunstâncias sociais, políticas e econômicas, mas também de criticidade, pois como educadores e investigadores temos o dever e a responsabilidade social de recusar estas ausências, de minorar distâncias entre o sujeito que investiga e o objeto ou o sujeito que são avaliados. Se questionamos: Porque não trabalhar a cultura negra? E indagamos como Rocha: A estrutura genética é idêntica nos vários grupos humanos. Fica a indagação: se, geneticamente, não há como definir raça, por que existir racismo, então? (ROCHA, 2006, P. 83)

Após a análise aqui feita, retomamos que o livro didático é um importante instrumento em sala de aula, como também uma fonte histórica essencial para pesquisas no âmbito da História da Educação e da Cultura Escolar. Mais precisamente falta conteúdos importantes para a vida acadêmica e para a formação do aluno.

REFERÊNCIAS:

ABDALA JUNIOR, Benjamin. **Literatura História e Política**. Em coedição, São Paulo: Ática, 1989. 199p.

AMARAL, Emília [et al.]. **Novas palavras**: 1º ano, 2º ano, 3º ano. 2. Ed. São Paulo: FTD, 2013.

COUTO, M. **Raiz de orvalho**. Maputo: Tempo gráfica, 1983.

D'AMORIM, Eduardo. **África: essa mãe quase desconhecida** / Ilustrações Abelardo da Hora. São Paulo: FTD, 1997. 95p.

ROCHA, Rosa Margarida de Carvalho. **Almanaque pedagógico afro-brasileiro**/ ilustrado por Ávila...[et al.]. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2006. 168p.

SOUSA, Marina de Mello e. **África e Brasil Africano**. 2. ed. São Paulo: Ática, 2007. 176p.

Anexos

As literaturas africanas de expressão portuguesa

Principais tendências

As literaturas africanas de expressão portuguesa desenvolveram-se a partir da década de 1940 e vêm adquirindo maturidade ao longo desse período e em seguida ao processo de descolonização, com a Revolução dos Cravos, em 1974. Elas testemunham a maior abrangência territorial e cultural das literaturas de língua portuguesa, que atualmente não se reduzem mais a Brasil e Portugal, mas se estendem à África, ganhando muito em riqueza, vitalidade e projeção internacional.

Leitura

Você vai ler, agora, um fragmento de *Terra sonâmbula*, de Mia Couto, escritor moçambicano entre os mais lidos, estudados e respeitados em nosso país.

[...]

Nesse entretanto, ele nos chamava para escutarmos seus imprevistos imprevistos. As histórias dele faziam o nosso lugarzinho crescer até ficar maior que o mundo. Nenhuma narração tinha fim, o sono lhe apugava a boca antes do desfecho. Éramos nós que recolhíamos seu corpo dorminhoso. Não lhe deitávamos dentro da casa: ele sempre recusara cama feita. Seu conceito era que a morte nos apanha deitados sobre a moleza de uma esteira. Leito dele era o puro chão, lugar onde a chuva também gosta de deitar. Nós simplesmente lhe encostávamos na parede da casa. Ali ficava até de manhã. Ele encontrávamos coberto de formigas. Parece que os insetos gostavam do suor docicado do velho Taimo. Ele nem sentia o corrúpio do formigueiro em sua pele.

— Chicas: transpiro mais que palmeira!

Preferia tontices enquanto la acordando. Nós lhe sacudíamos os infatigáveis bichos. Taimo nos sacudia a nós, incomodado por lhe dedicarmos cuidados.

Meu pai sofria de sonhos, saía pela noite de olhos transabertos. Como dormia fora, nem dá-vamos conta. Minha mãe, manhã seguinte, é que nos convocava:

— Venham: papá teve um sonho!

E nos juntávamos, todos completos, para escutar as verdades que lhe tinham sido reveladas. Taimo recebia notícia do futuro por via dos antepassados. Dizia tantas previsões que nem havia tempo de provar nenhuma. Eu me perguntava sobre a verdade daquelas visões do velho, estoicizador como ele era.

— Sem dúvida, avisava mamã, suspeitando-nos.

E assim seguia nossa infância, tempos afóra. Nesses anos ainda tudo tinha sentido: a razão entre mundo estava num outro mundo inexplicável. Os mais velhos faziam a ponte entre esses dois mundos. Recordo meu pai nos chamar um dia. Parecia mais uma dessas reuniões em que ele lembrava as cores e os tamanhos de seus sonhos. Mas não. Dessa vez, o velho se gravatara, e não se apoiava mais só. A sua voz não variava em delírios. Anunciava um fato: a Independência do país estava alvora, nos nem sabíamos o verdadeiro significado daquele anúncio. Mas havia na

